

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDACTOR CHEFE:—Benjamin D. Monteiro

COLLABORADORES:—Diversos

Publicação quinzenal—Redacção: Rua Joaquim Murtinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

N.º 25

Cuiabá, 15 de Julho de 1927.

ANNO II

A nossa attitude

Nós que pertencemos á mocidade, encarregada de levar ávante essa campanha de civismo, cujos fructos virão assegurar a prosperidade do territorio Patrio, nós, os predestinados a erguer a **bandeira do Brasil** nós cimões dos castellos das nossas aspirações, que são as aspirações "do bem da Patria e da Republica", assistimos com o coração sangrado de tristeza, os actos que se estão realisando no scenario politico do nosso paiz.

Assim é que vimos, até o crepusculo do quatrienio passado a bandeira do odio e da vingança desfraldada nos topos do Catete.

Milhares de brasileiros, ou foram assassinados ou pereceram miseravelmente nas regiões inhospitas do Oyapock ou ainda esperam em terras extranhas, que lhes chamem a voz da Justiça!

Nós que ouvimos ainda os conselhos de Ruy Barbosa, que até na hora de sua morte pregou a campanha de regeneração do regime republicano—ora sem representação e sem justiça—não podiamos deixar passar desprecebida a hora benedicta, em que soaram as badaladas da nossa redempção.

Assim é que, fomos levar ao dr. Agricola P. de Barros, director d' "A Plebe", os nossos cumprimentos pela passagem da grande data, em que um punhado de brasileiros idealistas, pegaram em armas, para derrubar a tyrannia implantada na terra livre de Santa-Cruz, movimento esse que afogado em sangue e fogo nas bordas do Paraná, foi continuado por Luiz C. Prestes, através os sertões do Brasil, signifi-

cando, assim, que ainda permaneciam de pé as rasões que o haviam determinado.

Não somos partidarios da luta armada, e se pegamos em armas formando ao lado do governo do Estado, foi para impedir a entrada dos revolucionarios em Cuiabá, mas nunca para obstar-lhes a passagem para o exilio, o inferno verde de Gahiba. Estavamos promptos a perecer para a manutenção da paz da familia cuiabana, mas não iriamos cercar os restos da divisão de Izidoro D. Lopez.

Somos partidarios dos principios da Revolução, e que os revolucionarios consubstanciam nesta phrase: "Representação e Justiça."

E se esses principios triumpharem, estamos certo, converterão em realidade o lema da nossa Bandeira; espalharão pelo Brasil os bellissimos principios da verdadeira democracia e concorrerão infatigavelmente para a extinção das nefastas olygarchias que tem em suas mãos o dominio de grande parte do paiz.

Estaremos pois, ao lado da verdade e dos grandes ideaes que revivem "sobre os destroços das gerações caducas."

E áquelles que não conhecem as nossas aspirações de moços, que sonham a grandeza da sua terra natal e criticam ridiculamente pelas esquinas, o nosso acto, só temos a dizer-lhes:

"Faremos ouvidos surdos aos cães que ladram na estrada e iremos de sua perdição".

N. B.—Este artigo foi subscripto pelos alumnos do Lyceu que foram á redacção d' "A Plebe", estando as suas assignaturas consignadas no livro da Redacção.

SAINT ROMAN

Lamentava já um heroe, a humanidade.

Já da epopea do glorioso "az" se recobria de luto a gloriosa patria de Voltaire...

Não quiz entretanto, o destino ser fatal ao grande heroe.

A sorte adversa fez com que, longe da patria, em terras em que nunca crusaram os musculos de aço dos aviões, Saint-Roman achiasse abrigo...

Qual o principe encantado das lendas, Saint Roman surge das profundezas oceanicas, onde visitara a princeza de seus sonhos... E volta ao gremio humano!...

Traz como esposa a gloria —a princeza de seus sonhos; —coroados com o limo verde das nossas aguas.

Tens, ó grande heroe, a aureola immortal do genio dos latinos.

Novo Regulo, não exhitas-te em affrontar o "salto da morte", cumprindo, assim, o que prometteste.

Si foi Lindenbergh, mais feliz, nem por isso deixas de ser maior.

Tambem affrontaste, só, as turias oceanicas.

Salve Saint-Roman!

E' imperecível a pagina que escreveste.

Os poetas cantarão os teus feitos, comparando-os aos mais sublimes dos antigos.

A immortal patria das luzes, guardar-te-á em seu seio como um dos mais dilectos filhos.

Pulcherio Filho.

14 DE JULHO

Quando os primeiros raios do sol brilharam na atmosfera, todos os quadrantes da vasta e culta Capital Francesa eram abalados pelos gritos: *Armas!!!*

Armas!... Era chegado o momento em que "a negra serpe convulsa ia esmagar o throno nas suas roscas de ferro". A ofensiva estava devidamente preparada... O rompimento das hostilidades não foi accidental, pois, como assignala Oliveira Lima, "uma revolução não é uma revolta, consistindo esta numa explosão ocasional de violencia provocada por um agravo, uma extorsão ou mesmo uma sugestão. A revolução supõe um plano preconcebido, um fim mais ou menos definido, a subordinação da paixão, embora muito intensa, a vontade ou antes a vontades que obedecem a concepções politicas e sociaes."

Assim, após innumeraveis causas, surgia a Revolução Francesa a 14 de Julho de 1789. Nesse dia memoravel as ideias philosophicas eram postas em pratica através do patriotismo exaltado da população, para garantir os direitos da "assemblée de citoyens; reunis par une autorité légitime pour attendre d'autres citoyens." E o alvo de todas as vistas é a fortaleza-prisão; cuja lugubre memória faz partir de todos os peitos os brados: *A la Bastille!!! A la Bastille!!!*... A Bastilha era o symbolo do despotismo, valha-o de toda sorte de misérias, por isso a sua demolição se impunha como uma das mais acrisoladas aspirações de um povo altivo e já cansado de atirar o fruto de seu suor á mesa farta dos privilegiados e á onda destruidora das orgias dos monarchas.... Desde as 7 horas grupos armados golfam nas circumvisinhanças da Bastilha, cujos muros seculares parecem desdenhar da multidão que os rodeia.... O povo envia á Bastilha o emissario Thurio de la Rosière e o sitio fatal se apertava, quando chega uma desabrida massa popular, exclamando imperiosamente: *Nous voulons la Bastille!!! Nous voulons la Bastille!!!*... e então o povo, encolerizado devido á attitud aggressiva da guarnição da fortaleza, rompe um renhido ataque contra Delunay, que logo impotente se rendia, porem, os que "haviám sido valorosos no assalto não souberam ser humanos na victoria".... A noticia da queda da Bastilha, sympathi-

camen e rec. bidá por toda parte, fez nascer dentro dos limites da França a ansia de esmagar os delegados regios e os castellos senhoriaes, que sob o influxo do calor revolucionario foram destruidos na memoravel noite de 4 de Agosto de 1789. Estavam quase apagados os vestigios do feudalismo enjaçado, aviltante e escravizado.

Mas, os triumphos colhidos a 14 de Julho e 4 de Agosto só foram consolidados após a realização do patriotico ideal ovacionado prematuramente naquella noite em que foi prestado o solemne juramento no "Jogo da Pella".... Foram consolidados a 20 de Agosto com a promulgação da famosa DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO, resumo dos principios basicos da Constituição de 1791, conhecidos universalmente por *principios de 89*. Esses principios que são "a base em que se assenta a sociedade contemporanea", constituem a obra prima da Revolução, que desde 1789, vem quebrando o jugo oppressor do despotismo.

A "Declaração dos direitos", sendo o alicerce do regime republicano, é muito justo que a Republica Brasileira procurasse render-lhe um preito, e como a "Declaração" é filha da Revolução Francesa, e 14 de Julho o dia da Revolução por excelencia, um dos primeiros cuidados do nosso Governo Provisorio foi o de baixar o decreto n.º 155B, de 14 de Janeiro de 1890, considerando o dia 14 de Julho consagrada commemoração da *Republica, Liberdade e Independencia dos povos americanos*.

Caros leitores, commemoremos, pois, com alegria, a passagem de tão significativa data; pois, 14 de Julho é o marco da primeira victoria dum povo que gemia asphixiado debaixo das iras da realza, enxovalhado miseravelmente pela prepotencia vandolica dos nobres, espoliado, e tendo como privilegio a humilhação, o vexame, os pesados tributos, a falta de garantia e mesmo a escravidão...

14 de Julho viu envolto em chammas e mutilado pelas armas libertadoras, aquelle monstro de pedra, que em suas entranhas esmagára milhares de homens indefesos, suffocára o soluço e lagrima dos prisioneiros, até que a morte, libertando-os dos esteriores da agonía e da perversidade humana, viesse conduzi-los para a sepultura.... 14 de Julho

banhou com o seu Sol os liberaes seculo do XVIII, fortalecendo-lhes as fibras já gastas nas interminas propagandas, trazendo-lhes esperanças de melhores dias.... 14 de Julho encerra a lembrança da gloria de uma nação heroica, ou antes da humanidade, na conquista de todas as liberdades humanas, sociaes e politicas, que hoje procuram denegrir com o véo nefando de covardes e execráveis attentados contra o patrimonio natural de um povo..

10/7/927.

B. Cunha.

Emquanto a golpes de piqueta vão-se construindo novas avenidas; emquanto o progresso determina reedificações e fundações novas, atrophiam-se, não mui distante da cidade, sordidos cubiculos, guardados desherdados da sorte.

Esses casebres, cuja comparação a senzalas, não seria em nada disparatada, são tristes, pois faltam-lhes o sol e a caridade.

Um tostão, que ás vezes se desperdiça inutilmente, faria talvez a alegria de um lar, onde, si ha almoço, o jantar é incerto.

No entanto, o mundo ocioso não os vê, repugna reconhecê-los, e indifferente ás misérias que se lhe antolham aos pés, procura no gozo o seu completo olvido.

Assim esquecidas, dia a dia, mais se infectam, mais se avassallam de pobreza, essas vielas que todo o mundo odeia e nem conhece.

E nessas pocilgas, crescem as creanças na maior degradação, não só material como tambem moral.

Rachiticas e contorcidas, qual plantas que não fruem dos beneficos raios solares, de um sorriso triste e olhos morticos, são esquivas e temem a approximação dos desconhecidos.

Medram, nessas almas infantis, as superstições; e já na adolescencia os primeiros vislumbres dos vicios, acirram-lhes instinctos maleficos.

Desconhecendo completamente as normas da instrucção, sem nunca terem desvendado o enigma do A B C, serão mais tarde homens fracos e supersticiosos e acobardar-se-hão na luta pela vida.

Ha tambem, absoluta falta de hygiene. Encurralada no quarto unico da habitação, cea em commum a familia toda, da qual faz

parte, um cão ou um gato pestilento, compartilhando estes, do mesmo prato da creança mais inesperada.

Mas, é assim a sociedade; enquanto uns vivem cheios de tédio, em meio de luxuoso conforto, soluçam outros, aos duros golpes de um destino adverso.

Entretanto, disse Aquelle que mais se sacrificou pela Humanidade: Amai-vos uns aos outros!

DONAL.

Calabar

Os poetas antigos dividiam o tempo, consoante a corrupção dos homens, em idade de ouro, de prata, de bronze e de ferro. Nesta ultima, no dizer de Publio Ovidio Nasão, a justiça e a modestia desapareceram para darem lugar á insolencia, á injustiça, á calumnia, ás violencias e aos assassinios. Foi, infelizmente, nesta triste idade que nasceu, num recanto d'Alagoas, Domingos Fernandes Calabar e se desenrolaram, no Brasil, as invasões hollandezas. Meu Deus! Nunca, nunca tão luminosamente, como neste instante, compreendi a maldade deste mundo, que serve da própria gloria como arma para ferir a memoria de um brasileiro, ainda não de toda consumida pelo véo funebre da morte. Ainda que alguns historiadores houve, que puzeram cegamente as suas pennas contra Calabar, collocando-o abaixo dos povos descriptos na Odysseia; ainda assim, chamemo-lo de patriota, « porque a justiça não se esmaga nos tribunaes que se esboraam ». Querer que Calabar seja trahidor é o mesmo que a fantasia de Hoffman, « que nos pinta um individuo, condemnado a nunca se retratar em um espelho, nem fazer sombra para lado algum como quer que o sol o illuminasse. » O facto da maioria dos historiadores dizerem que Calabar foi trahidor, não é base, porque quando Aristoteles, o celebre philosopho da Stagyra, affirmou, em seu tratado do Céu, que que « a terra não somente é redonda como muito grande » tinha contra si todos os sabios da Grecia com suas famosas crenças!

Citarei, sómente, as principaes accusações tecidas á sombra da victima do progresso nacional, de que parecia filho predilecto:

a) Dizem que Calabar era supino ignorante e por isso incapaz de saber qual dos dois dominios seria de maior proveito para o Brasil.—Ora, quem escreve a Wendenburg dizendo « que não queria recompensa nem cousa alguma, mas sim melhorar a liberdade da sua terra que a não tinha de especie alguma », quem apprehende o flamengo em poucos dias e sobresahe entre 300 brasileiros, que já estavam ao lado dos hollandezes, é evidente que não era um supino ignorante, mas um talento apurado. Desejava melhorar a liberdade da sua terra!

É verdade. Como bem assinala Mattoso Maia:

« Felipe II, o Demónio do Meio Dia, e seus successores empregavam as medidas mais iniquas que os ardis de uma politica perspicaz podem aconselhar » cobrindo de impostos o sublimado throno de Affonso Henriques. E o Brasil também soffria o peso da desgrehada tyrannia do maior abjecto que tomou assento num throno imperial, donde cahindo arrastaria para a escravidão o Brasil e a nacionalidade augusta d'aquelles mil heróes.

Portugal e Hespanha declinavam. E nesse periodo de decadencia a Hollanda caminhava para a gloria e para a immortalidade, alargando as suas fronteiras e estendendo o commercio do mundo. Eis porque Calabar reconheceu que o dominio hollandez seria de maior proveito para o futuro da patria.

b) Se Calabar fosse intelligente não deveria concorrer para maior derramamento de sangue empunhando as armas hollandezas.—Pergunte-se a Herodoto, da velha Hialecarnasso, se o derramamento de sangue generoso e sacrosanto não é consequencia de aspiração legitima, de abneção e de patriotismo?!

Pergunte-se a Victor Hugo se o derramamento de sangue em 89 não é consequencia da ferocidade tyrannica de Luiz XIV?

Pergunte-se aos nossos irmãos continentaes se o derramamento de sangue de seus exercitos gigantescos não é consequencia da abolição da escravatura?

Pegou as armas hollandezas porque este era o unico meio de salvar o Brasil d'aquelle insano, condemnado a maldição eterna! E depois, como diz Francisco de Sá Menezes, a idade de ferro trouxe tudo á espada!

Conhece na Historia da Hespanha, o malvado Filipe II e seus

successores, que mandavam matar aos protestantes e arruinar aos catholicos, despojando-os, igualmente, de seus haveres. É evidente que o Brasil, sua colonia, recebesse o reflexo da sua crueldade e tyrannia, pois, onde que o filho de Hyperion e Thia não leva seu calor ardente?! Quanto a justiça terrena de nada vale a que vale é a do céo, onde as calumnias indevidas se transformam em patriotismo e os soffrimentos em alegrias eternas. Os mesmos que receberam triumphalmente Jesus em Jerusalem não pediram a sua morte poucos dias depois?!

Que importa que me chame de doentio se a verdade irradia?

Que importa que me chame de pretensio defensor de Calabar se o habito da injustiça não esquece o brilho da verdade?

Oliveira Bastos.

Justo appello

Dentre as sérias difficuldades que se nos deparam na trajectoria árida de estudantes mattogrossenses, uma se nos impõe pela solução custosa e, ás vezes, infeliz, com que procuramos sanal-a.

E' a continuacão dos estudos gymnasiaes em Academia Superior.

Assim é que se os estudantes do Lyceu Cuiabano, quizerem encetar os estudos secundarios que se ministram nos Institutos Academicos, de que o Estado é desapercebido, veem-se na necessidade infalivel de accorrerem a os centros onde os haja, como Rio, S. Paulo, Bahia, etc., para saciar o seu incontido desejo, o que só se pode fazer á custa de alguns recursos pecuniarios que são um tanto escassos aos nossos estudantes. Para isso, houve por bem o honrado Presidente do Estado, sancionar na lei orçamentaria, subvencões aos estudantes pobres, acto este, indubitavelmente louvavel e patriótico.

Essas subvencões, porem, que são em numero limitado, não satisfazem a todos que com igual direito as solicitam, pois que o exiguo numero de vagas é logo preenchido e só as haverá dahi a cinco ou seis annos, segundo o ramo de estudo a que se destinam os academicos.

E assim, certos de que interpretamos a vontade dos estudantes mattogrossense e consciuos do espirito, lucido com que o nobre

A CHRYSALLIDA

Presidente do Estado correspondendo aos anhelos dos seus subditos fazemos-lhes, caloroso e unânime apello para que essas subvenções sejam concedidas, não em limite de número, mas a juízo do mesmo Presidente, segundo as necessidades comprovadas dos requerentes.

LÁ NO MATO

Estava em casa meditando, sem saber onde melhor podia ir assistir à festa do glorioso S. Pedro, quando me aparece um companheiro, que tendo insistido bastante, me levou em uma festa num lugar um pouco afastado da cidade, uns 3 kilometros mais ou menos. Depois de ainda refletir um pouco: como será essa festa e tal, haverá baile etc?... resolvi acompanhar o amigo.

Tomamos a direção do lugar e caminhamos a principio por uma estrada regular.

Quando chegamos a uma certa distancia avistamos lá ao longe num lugar um pouco elevado, um cláreo, o qual, como certificamos depois, era feito por uma enorme fogueira da casa da festa. O caminho já ruim, margeando um exquisito correjo, nos obrigou muitas vezes a fazer grandes voltas. Afinal chegamos no lugar desejado.

Um grupo de homens robustos achavam-se ao lado da casa e conversavam baixinho, como que tivessem combinando alguma coisa. Fomos desse lado, e mal aproximamos da rapaziada, ouvimos um repinicado violento da viola de pinho. Um *caburé* desembaraçado gritou logo—viva S. Pedro—e tomando a frente dos outros partiu em direção a um grande rancho, que me parece tinha sido feito sómente para a festa.

Lá chegando um novo grito—viva S. Pedro—dado pelo *caburé*, fez com que o Chicão dono da casa os viesse recolher. Dahi a pouco depois de terem trocado os seus cumprimentos e de terem tomado as chamadas etc, o *caburé* poz o pessoal em forma—coluna por dois—era a dança de catira ou sapateado—como dizem por lá. O *caburé*, com o pinho na mão e com um outro quasi do seu mesmo tipo e que tinha o—cracaxá—tomou a frente da rapaziada novamente; começou a dansa e o *caburé* principiou a cantar:

Pro sentimento qui leu tenho
Meu alivio é suspirá
Dessa manera qui leu ando
Leu rio pra num chorá.

repetindo os dois ultimos versos... Nesse momento cada um virou a frente para o companheiro e bateu palmas pla pla—pla—pla—que foram respondi dos pelo—trum—dum—dú—dos seus próprios calcanhares que bateram com força no chão.

Depois o *caburé* tirou outra quadra:

O que qui tem essa menina
Que quando vê a gente corre
Si é bunita me aparece
Si é feia porque hum morre.

Os mesmos movimentos foram feitos depois desta quadra, augmentando ainda as trocas de lugares—fazendo qualquer gracejo o rapaz que se achava na frente passava para o lugar do que estava atrás e assim faziam successivamente.

Eis que de repente lembram do *peritivo*—e então é com o nome de S. Pedro.

O *caburé* cantou:

Palácio de sinhô S. Pedro
Num compara có sanzala
Xá juiza quero uma pinga
Qui leu já to guspino bala.

E assim com o nome de S. Pedro *morderam agua* abessamente. Se o S. Pedro de lá ler este numero da "A Chrysallida" onde irão parar estes homens?

Benedicto Carlos.

"A Chrysallida Social"

Transcorreu a 30 de Junho pp. o anniversario do jovem Paulo Coelho, estudioso quartannista do Lyceu.

Nossas felicitações.

Completo mais uma primavera de sua existencia, no dia 11 deste, a galante menina Lélia Póvoas, distincta alumna do 1.º anno do Lyceu.

Teve o seu lar em festa, no dia 12 do corrente, a nossa graciosa e intelligente patricia Elza de Figueiredo, irmã do nosso caro prof. Cesario Netto, tendo o seu vasto circulo de

amizade, a oppurtunidade de patentear, nesse dia feliz do seu natalicio, a sympathia e a admiração, de que é credora a illustre anniversariante.

Festejou hontem o seu anniversario a gentil senhorinha Nair Cunha, intelligente alumna da Escola Normal.

Parabens.

Passa hoje o natalicio da nossa graciosa e gentil collega Dunga Rodrigues, que por esse motivo receberá flores e felicitações, que bem mereçe, pela amizade e sympathia de que se acha cercada em nosso meio social.

"A Chrysallida" que tem na anniversariante uma das dilectas collaboradoras, sente-se feliz enviando-lhe os seus cordiaes saudaes.

Seguiu para Campo Grande, aproveitando o periodo de ferias concedido pelo Lyceu, o padre dr. Romualdo Lettieri, nosso querido professor de philosophia.

Desejamos-lhe feliz viagem.

Férias

Em cumprimento ás disposições regulamentares o Lyceu Cuiabano acha-se em ferias durante a segunda quinzena do corrente. E' esse um curto periodo de descanso aos collegiaes; justifica-o a fadiga causada aos alumnos pelos multiplos affazeres escolares que acarretam de facto perda de energia pelo trabalho intellectual que exige constantemente.

E assim ha occasião para os alumnos se entrejarem ás recreações que a juventude naturalmente apetece.

Impresso na TYP. CALHA'O
—Rua Barão de Melgaço 153.